

## **DIDATICÁRIO DE CRIAÇÃO: AULA CHEIA, ANTES DA AULA**

Sandra Mara Corazza  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### **Resumo**

É uma ingenuidade o professor pensar que, ao dar uma aula, está diante de um quadro vazio, de uma página em branco, de uma tela virgem. É um equívoco o professor acreditar que, para fazer uma aula, basta entrar na sala, fechar a porta, e dar a aula que quiser. É um erro o professor achar que a sua aula é inexistente; e que, ao fazê-la, poderia reproduzir uma aula que já funcionara como modelo exemplar. O verdadeiro problema do professor não é entrar na aula, mas sair da aula. Isso porque, antes mesmo de começar, a aula já está cheia, e tudo está nela, até o próprio professor. O professor carrega, encontra-se carregado, há cargas: ao seu redor, nos alunos, no currículo, no plano de ensino, nos livros, na escola. Antes que o professor comece a dar a sua aula, dela pode ser dito tudo, menos que se trata de “a sua aula”; pois a aula está cheia, atual ou virtualmente, de dados-clichês; os quais levam o professor a dar uma aula que já está dada, antes que ele a dê. Se o professor quiser que a sua aula seja instigante, interessante e, mesmo, “sua” – em outras palavras, se desejar realizar uma aula singular –, não vai planejar, preparar e desenvolver a aula, como se ela estivesse vazia; tampouco vai se restringir à tarefa de, tão-somente, prever objetivos, conteúdos, atividades, recursos, avaliação. Mas, necessita fazer um trabalho de maior relevância, que pertence à aula, mas precede o ato de dar a aula: trabalho preparatório, invisível e silencioso; e, no entanto, muito intenso, pelo qual o ato da aula é um *a posteriori* em relação a esse mesmo trabalho.

**Palavras-chave:** Preparação. Aula. Clichês. Criação. Didaticário.

### **Cheia**

É uma ingenuidade o professor pensar que, ao dar uma aula, está diante de um quadro vazio, de uma página em branco, de uma tela virgem (Deleuze, 2007). É um equívoco o professor acreditar que, para fazer uma aula, basta ele entrar na sala, fechar a porta, e dar a aula que quiser. É um erro o professor achar que a sua aula é inexistente; e que, ao fazê-la, poderia reproduzir uma aula que já funcionara como modelo exemplar.

O verdadeiro problema do professor não é entrar na aula, mas sair da aula. Isso porque, antes mesmo de começar, a aula já está cheia, e tudo está nela, até o próprio professor. O professor carrega, encontra-se carregado, há cargas: ao seu redor, nos alunos, no plano de ensino, nos livros, na escola. Antes que o professor comece a dar a sua aula, dela pode ser dito tudo, menos que se trata de “a sua aula”; pois a aula está cheia, atual ou virtualmente, de dados; os quais levam o professor a dar uma aula que já está dada, antes que ele a dê.

### **Dados**

Assim como o currículo (Tadeu, 2003), a aula possui “dados”, que estão prontos, são anteriores a ela, e a ocupam: a) em primeiro lugar, dados de “conhecimento e verdade”, que determinam aquilo que é ensinado (o conteúdo) e a maneira como é ensinado (a didática); b) em seguida, dados sobre “sujeito e subjetividade”, que indicam o modo de subjetivação que a aula pratica e a identidade do Eu que ela requer; c) após, dados correspondentes à definição de “valores e critérios”, que são exigidos, postos, impostos, instituídos pela aula; d) e, finalmente, dados sobre a “vontade de poder”, que indicam a favor de quem e do quê é realizado o confronto de forças na aula.

Esses dados, que preenchem a aula, constituem clichês. Logo, são dados-clichês, que não funcionam apenas em uma ordem intelectual ou cognitiva, mas também psíquica, física, perceptiva, amorosa, etc. Os clichês não representam, passiva e inocentemente, alguma coisa; mas produzem, ativamente, o conhecimento, o sujeito, o valor e o poder das coisas vistas, sentidas, pensadas, faladas, olhadas, escritas, lidas, desejadas, numa aula. É que os dados são modos de ver e de falar; posições de sujeitos; regimes de signos; palavras de ordem; imagens de pensamento; códigos estriados; funções rígidas; sensações traduzidas em sistemas retilíneos; narrativas explicativas e tranquilizadoras; e assim por diante.

### **Trabalho**

Visto que uma aula é, desde sempre, feita de clichês-dados, se o professor quiser que a sua aula seja instigante, interessante e, mesmo, sua – em outras palavras, se

desejar realizar uma aula singular –, não vai planejar, preparar e desenvolver a aula, como se ela estivesse vazia; tampouco vai se restringir à tarefa de, tão-somente, prever objetivos, conteúdos, atividades, recursos, avaliação.

O professor necessita fazer um trabalho de maior relevância, que pertence à aula, mas precede o ato de dar a aula: trabalho preparatório, “invisível e silencioso, e entretanto muito intenso”, pelo qual o ato da aula é um *a posteriori* em relação a esse mesmo trabalho.

### **Preparatório**

Trabalho preparatório que implica, antes de tudo, esvaziar, desobstruir, desentulhar, faxinar, limpar a aula. Assim, o professor vai varrer, esfregar, escovar a aula, para produzir a sua aula, cujo funcionamento subverta as relações dos modelos (os dados, os clichês) com as cópias (Deleuze, 1998). Para tanto, ele precisa identificar os dados (formações discursivas e não-discursivas), que ocupam a aula-dada; e, dentre esses dados, designar aqueles que constituem “um obstáculo, quais são uma ajuda ou mesmo os efeitos de um trabalho preparatório” (Deleuze, 2007, p. 102; p.91).

Aquele professor que se restringir a maltratar, ou mesmo triturar os clichês, pode estar agindo em prol de uma transformação por demais abstrata; e, assim, correr o risco de permitir que os clichês retornem, espalhem-se e voltem a agir. Desse modo, o professor pode até dar uma “boa aula”, segundo as normas tradicionais de “Como dar uma aula” (Corazza, 1996); porém, a sua aula irá consistir, apenas, em uma aula-clichê.

### **Luta**

Desde a perspectiva de uma didática da criação, a boa aula (no sentido tradicional) pode ser uma aula extremamente ruim; isto é, improdutiva, conservadora, obstaculizadora ou impeditiva da criação, da invenção, da fabricação do novo. Por isso, mesmo que “a luta contra os clichês” seja “algo terrível”, como pode um professor evitar que a sua aula seja uma aula-clichê? Como pode um professor dar uma aula que não seja uma aula-dada?

Não há regras nem soluções universais. Cada professor sabe como proceder e tem uma idéia mais ou menos precisa do que quer fazer. O que o salva é que ele “não sabe como conseguir, não sabe como fazer o que quer” (Deleuze, 2007, p.94; p.100). A única certeza que o acompanha é que se, anteriormente (trabalho pré-aula), ele entrou na aula, com sua carga de dados-clichês e de probabilidades; agora, ele precisa sair daí (trabalho da aula), extirpando tanto suas formas de conteúdo quanto as de expressão (Deleuze 2004; Deleuze e Guattari, 1996), e experimentando.

## **Procedimentos**

Nessa luta contra a aula-clichê, o professor sabe que não basta mutilá-la para obter a sua deformação. Afim de não agir como os professores-copistas, que fazem renascer os clichês onde eles teriam desaparecido – já que as “reações contra os clichês engendram clichês” –, o professor leva em conta que “muitas pessoas tomam uma foto por uma obra de arte, um plágio por uma audácia, uma paródia por um riso, ou, pior ainda, um mísero achado por uma criação” (Deleuze, 2007, p.93; p.94).

Querendo criar, por si mesmo, uma diferente e inédita aula, que dê oportunidades ao improvável, o professor ora insiste, até o ponto de saturação, nos saberes tradicionais; ora acumula, até o esgotamento, as relações existentes de poder; ora faz paródias e transforma subjetividades conhecidas em personagens de comédia; enquanto, às vezes, deixa de lado os valores intelectuais em prol dos intuitivos; etc.

Dentre esses procedimentos pré-rationais, involuntários, acidentais, o professor vai traçando, no interior da própria aula-clichê: linhas descontínuas, estilhaços flutuantes, resíduos irregulares, rupturas de sentidos, sinais fragmentários, espaços vazios, pequenas cenas, pormenores insignificantes, *punctuns*, incidentes, “coisas que caem, sem choque, e no entanto com um movimento que não é infinito” (Barthes, 1984; 2004, p.284).

## **Ato**

A didática da criação considera que a potência artística de uma aula, exercida por meio de um processo criador de verdades (ímanentes), valores (não-representativos), sujeitos (pré-individuados) e poderes (provisórios), não se equaliza com uma adesão sem resistência ou com uma simples rejeição das normas.

Havendo, astuciosamente, criado regras próprias de ação, para desorganizar e deformar os dados de aplicação das forças, valoração dos valores, jogos de verdade, vontade de ser, saber e poder; tendo entrado de cabeça e saído voando da aula-clichê; o professor tem – agora sim – a sua aula.

Como um “acaso manipulado” ou um “acidente manipulado” (Deleuze, 2007, p.99), a aula do professor pode, então, ser dada. Depois de começada, só nos resta perguntar se essa aula – conjunto informe e indiferenciado de multiplicidades livres – funciona.

## Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (Trad. Júlio Castañon Guimarães.)

\_\_\_\_\_. *O neutro: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977-1978*. São Paulo: Martins Fontes, 2003c. (Trad. Ivone Castilho Benedetti.)

CORAZZA, Sandra Mara. “Como dar uma aula?” Que pergunta é esta? In: MORAES, Vera Regina Pires de. (Org.). *Melhoria do ensino e capacitação docente: programa de aperfeiçoamento pedagógico*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996, p.57-63

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Paris: Minuit, 1994.

\_\_\_\_\_. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes.)

\_\_\_\_\_. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Coord. Trad. Roberto Machado.)

\_\_\_\_\_. GUATTARI, Félix. *Kafka: pour une littérature mineure*. Paris: Minuit, 1996.

TADEU, Tomaz. “Dr. Nietzsche curricularista – com uma pequena ajuda do Professor Deleuze”. In: CORAZZA, S.M; TADEU, T. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.35-57.

## Apêndice

### 10 PASSOS PARA “DAR” UMA AULA SEM “MANCAR”

1º. Não pergunte a ninguém como “dar uma Aula”. Se, no entanto, em algum dia precedente: a) você estudou formas de “dar uma Aula”, registradas na História da Educação e da Pedagogia, tome essas formas como meras histórias, ou seja: produzidas em tempos-espacos específicos, em meio a relações de saber-poder, que produzem determinados modos de subjetivação – e esqueça a História; b) se alguém supôs ter lhe “ensinado” algo sobre como “dar uma Aula” – esqueça-o, também, totalmente.

2º. Então, faça o que precisa ser feito: da melhor maneira ética, e com o melhor material que você conseguir, prepare uma Aula.

3º. Como uma Aula não é uma coisa que você agarre, acumule, distribua ou “dê” a alguém, fabrique, confeccione, produza, invente, ficcionalize uma Aula. Em síntese: puxe-se!

4°. Viva a Aula em intensidade, como uma Aventura humana, demasiadamente humana. Para tanto, largue a Moralina na porta de entrada; pois, só assim, você terá condições de criar uma nova sensibilidade para sentir, desejar, trabalhar, fazer uma Aula.

5°. Pense...

6°. Veja se, por meio da Aula, você próprio, como “Auleiro” consegue: a) pensar a Diferença Pura que ilimita toda ação humana; b) esgarçar as Identidades, a Racionalidade Moral, a Experiência Utilitária; c) pôr em jogo saberes plurais para ler signos heterogêneos: Mundanos, Amorosos, Sensíveis, Artísticos; d) praticar a Fantasia de Aula, para que esta não integre o domínio do Estereótipo, do Já-Dito, do Espontaneísmo Vazio, da Mesmidade Estéril.

7°. Verifique se a Aula: a) não opera com pretensões à Verdade; b) não suspende a vontade de criticar; c) não aborrece, entedia, nem transmite a sensação de *déjà vu*; d) mas aligeira e adianta as potências do Futuro; e) funciona como um Atrator Caótico; f) produz efeitos de Inspiração e de Criação.

8°. Avalie se você, enquanto “Auleiro”, está transitando do Prazer de Aprender ao Desejo de Educar e vice-versa, por realizar a Aula como um território singular, instigante, novo, que desloca os valores estabelecidos e descodifica as formas de conteúdo e de expressão correntes.

9°. Faça a Aula combater todas as maneiras medíocres de “dar Aula”, que diminuem, reduzem e aviltam a Vida; portanto, faça-a funcionar como Máquina de Guerra contra as burocracias intelectuais, o pesadume da vida, as forças secundárias de adaptação e de regulação: Memória, Lucro, Honras, Poder, Vaidade.

10°. Se, ao dar algum ou todos os 09 Passos anteriores, você “mancou”, mesmo sem querer, faça como naquela música: levante, sacuda a poeira, e dê a volta por cima, isto é: prepare, com toda dedicação e amor, a sua próxima Aula. *Merde* para você!

### *À la?*

(1) Os professores e os tratados que dão receitas sobre “Como dar uma aula” (ou “Como fazer um currículo”, ou “Como desenvolver um conteúdo X”) são tão imbecis como o seria um livro que fornecesse medidas ou combinações de cores para produzir uma obra de arte ou uma obra-prima à *la* Van Gogh.

(2) Aprende-se a pintar pelo olho, não por álgebra; aprende-se a fazer uma aula fazendo-a, pelo coração, pelo desejo, pela vontade de educar.

(3) Assim como em música, a prosódia e a melodia são aprendidas pelo ouvido atento, e não por um índice de nomenclaturas ou pelas informações de que tal ou qual nota se denomina lá ou sol; assim também uma aula é aprendida pelo próprio processo de ser feita.

(4) Se você der a um desenhista 64 moldes das curvas mais comuns de Botticelli ou se der a ele os 18 tons de amarelos mais usados por Van Gogh, ele será capaz de fazer uma obra de arte?

(5) Você esperaria criar uma melodia, tal como Mozart ou Bach, simplesmente golpeando notas alternadas ou alternando mínimas e colcheias?

(6) Podemos fazer listas e mais listas puramente empíricas de técnicas bem-sucedidas (sabe-se lá o que é isto!); podemos, até mesmo, fazer um catálogo de nossas aulas ou currículos prediletos; mas o que não podemos fazer é fornecer uma fórmula para compor uma aula, currículo, melodia mozartiana, livro beckettiano, etc.

(7) Adianta alguém pedir a um professor de artes uma receita para fazer um desenho como Leonardo da Vinci?

(8) Adianta alguém pedir a um professor da Faculdade de Educação uma “receita” para fazer uma aula bela, produtiva, criadora?

(9) Se ninguém pedir e ninguém oferecer essas receitas, teremos, talvez, afastado o extremo tédio que cansa a professoralidade e as besteiras disseminadas sobre metodologia, didática, currículo.

(10) Virem-se!